

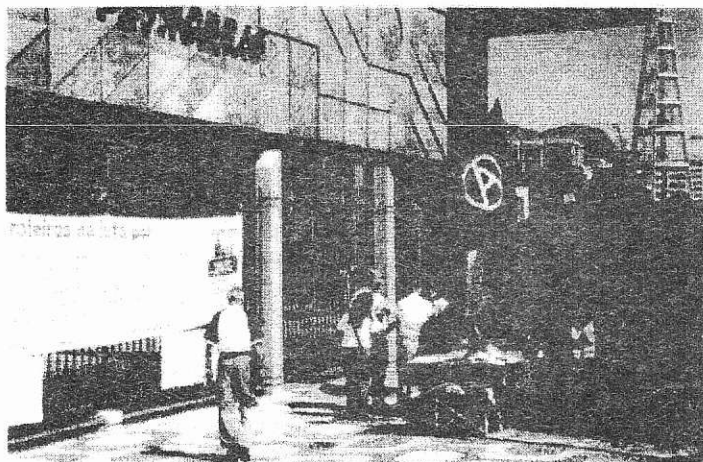


LIBERDADE

INFORMATIVO do CÍRCULO de ESTUDOS LIBERTÁRIOS IDEAL PERES - CELIP/RJ
www.celip.cjb.net #CAIXA POSTAL 14.576 - CEP 22412-970 - Rio/RJ - BRASIL # e-mail: celip@bol.com.br
Reuniões do CELIP todas às terças, às 19:00 h, no IFCS/UFRJ, Lgo. de São Francisco, 1 - Centro - Rio/RJ
Biblioteca Social Fábio Luz, sábados de 9:00h às 16:00h, Rua Torres Homem, 790 - Vila Isabel

AÇÃO DIRETA!

ANARQUISTAS pela ANISTIA.



No dia 2 de maio, o movimento pela ANISTIA dos petroleiros demitidos e punidos, pelas greves de 1994 e 1995, levantou um acampamento em frente à sede administrativa da Petrobrás, no Rio de Janeiro, o EDISE. Tal iniciativa representou não apenas um ato de coragem dos demitidos, mas também, uma forma de pressionar a empresa para definir as suas políticas para a categoria e, é claro, em relação à reintegração dos grevistas prejudicados pelas administrações passadas.

Durante todo o período do acampamento, que permaneceu no centro do Rio até o dia 14, apenas os anarquistas estiveram sistematicamente prestando solidariedade aos companheiros manifestantes. Apesar de partidos de esquerda, esporadicamente, e em momentos de maior evidência, aparecerem no espaço das manifestações, foram os anarquistas que, durante todos os longos dias e noites, estiveram participando da dura rotina dos demitidos; que dormiram nas calçadas sob uma precária cobertura plástica, modelo MST.

Alguns avanços foram observados como consequência do evento. Até mesmo em Brasília, os ecos da ação direta dos trabalhadores no Rio repercutiu, a ponto de mudar a sensibilidade de parlamentares em favor do projeto da ANISTIA. Em frente ao EDISE, no topo da barraca montada pelos petroleiros, como um bom presságio, tremulava uma única bandeira, negra e com um "a na bola", que definia o apoio e a associação dos anarquistas com o grupo de manifestantes. Tal situação aumentou ainda mais as afinidades, ampliadas nos doze dias de convivência revolucionária, entre os anarquistas e os militantes pela ANISTIA na Petrobrás.

O panfleto abaixo foi redigido, pelos anarquistas, como fruto da intensa experiência, para distribuição aos petroleiros no último dia de acampamento.

Para nós ANARQUISTAS não é surpresa que um governo, mesmo quando tingido de vermelho, venha oferecer rosas ao capital e dê as costas aos trabalhadores. Não nos surpreende também a moderação de antigos líderes sindicais diante das intransigências ditadas pelo mercado, transigindo vergonhosamente de princípios defendidos até antes das eleições de 2002. Entretanto, fugindo às prováveis acusações de sectarismo, lançadas caluniosamente contra os anarquistas através dos tempos, a realidade mais uma vez demonstra com incrível dramaticidade que os governos possuem sua lógica própria de domínio, independente da cor partidária que ocupa a sede do Executivo Federal.

A situação dos trabalhadores petroleiros demitidos a partir de 1990, na reforma Collor, e na greve de 1995, é uma demonstração concreta do que, não apenas em teoria, pregam os ANARQUISTAS nas suas análises de processo histórico e interferência no movimento social.

Hoje, acampados em frente ao prédio da Petrobrás (EDISE), na selva de concreto que é o Rio de Janeiro, estão trabalhadores demitidos de Sergipe, Minas Gerais, Rio de Janeiro etc... irmanados na convicção de que sua luta não representa uma simples questão trabalhista, mas... muito pelo contrário, é parte de uma longa história de enfrentamentos levados a efeito pelo povo, contra a opressão e as injustiças.

Querem os ex-senadores e similares, agora investidos de administradores da empresa, amesquinhar a luta política dos grevistas que pressionam, coerentemente, para que as reintegrações sejam, no mínimo, reconhecidas como o que realmente deveriam ser: uma ANISTIA. Querem, os burocratas e similares, apagar da história páginas importantes como a ocupação do EDISE, em 1992/1993, protagonizada por muitos dos que estão hoje na fila de espera pela ANISTIA. Como se não bastassem todos estes anos de humilhações, privações e descasos hoje ainda, "no governo dos trabalhadores", estão os companheiros demitidos esperando que o projeto da ANISTIA seja ao menos protocolado.

Tristes tempos estes, nos quais operários comprometidos com a luta se vêem ignorados por antigos "companheiros", confortavelmente instalados em gabinetes refrigerados. Para nós ANARQUISTAS, trata-se de apoiar uma causa que transcende a questão meramente corporativa. Entendemos que, sem sombra de dúvida, podemos encontrar na resistência dos petroleiros uma boa parte do que há de melhor na tradição de luta do povo trabalhador no Brasil.

Assim, apoiamos e nos solidarizamos com a causa dos companheiros petroleiros entendendo que, ela representa um passo importante no sentido da autonomia e independência política do trabalhador organizado.

Viva o movimento operário organizado e solidário!

Viva a luta dos petroleiros demitidos!

Viva o sindicalismo autônomo e revolucionário!

Círculo de Estudos Libertários Ideal Peres (CELIP)
Coletivo de Estudos Anarquistas Domingos Passos
Biblioteca Social Fábio Luz

AS BOCAS

**"Quem se vende sempre recebe muito
mais do que merece"**

Barão de Itararé

AH, ESSA MEMÓRIA...

Prezado leitor, adivinhe: quem teria feito as declarações reproduzidas a seguir? Mas, antes de mais nada, vamos situá-las no tempo: final da década de 1970, mais especificamente à revista *Isto É* de 1º de fevereiro de 1978, ao jornal *Em Tempo* de 3 de julho de 1978 e ao programa de televisão *Vox Populi* de 12 de maio de 1978. Preparados? Então vamos lá:

"Para mim, a Igreja está fazendo o papel de quem está com remorso. Eu era coroinha, segurava batina, fiz primeira comunhão e um monte de coisas, e cansei de ver o padre pedir para a gente não brigar, pois quem sofre hoje alcança o reino dos céus. A Igreja também contribuiu, e muito, para a situação em que vive a classe trabalhadora. Agora uma parte da Igreja quer se redimir aos olhos daqueles que prejudicou".

"Quanto aos intelectuais, acho que tem muita gente aí escrevendo sobre o que não entende. Quanto aos estudantes... Olha, eu vinha de minha casa outro dia e tinha uns estudantes andando de carrão pelas ruas e atirando folhetos a favor dos trabalhadores oprimidos. Eu não posso admitir que um cara daqueles esteja preocupado com a condição dos trabalhadores. Eu acho que eles serão os patrões de amanhã."

"Acho que o problema não é responsabilizar um ou mais grupos de trabalhadores, o problema é responsabilizar toda a classe trabalhadora pelas conquistas dela."

"Nenhum diretor de sindicato deve assumir a responsabilidade de tutelar a classe trabalhadora. A classe trabalhadora deve ser dada a liberdade de agir e de pensar. Cabe ao sindicato coordenar esse pensamento e a ação da classe trabalhadora".

"Estou certo de que o desatrelamento (dos sindicatos do governo) se dará quando a classe trabalhadora estiver preparada, inclusive para tirar os dirigentes sindicais que não desejarem como tal."

"A estrutura sindical foi criada dentro de um regime de exceção: o de Getúlio. Mas nos poucos momentos em que o País viveu uma democracia formal ninguém mexeu nessa estrutura."

Adivinharam? Trata-se, é claro, pelo teor de seu discurso, de um sindicalista. Anarco-sindicalista? Foi a conclusão a que chegou o sociólogo Leôncio Martins Rodrigues (autor de *Conflito Industrial e Sindicalismo no Brasil*) em declarações ao *Jornal do Brasil* de 13 de agosto de 1978, que identificava este matiz nas entrevistas da pessoa em questão. E o professor Leôncio nomeava por onde se dariam tais pontos de identificação com a doutrina anarco-sindicalista: rejeição do paternalismo, apoliticismo, desconfiança quanto às soluções de partidos e políticos, descentralização do movimento operário, resolução dos problemas operários pelos próprios operários, luta contra a estrutura fascista do sindicalismo brasileiro, autonomia, liberdade sindical, abolição do imposto sindical.

Para situar melhor o contexto em que tais declarações foram feitas, vale lembrar que 1978 foi o ano em que a ditadura militar brasileira, já pressionada por fatores externos, inclusive de seus patrões nas *estranjas*, criou o modelo de uma pretensa

abertura para faturar com a liberalização que teria que vir. Assim, foi o momento em que toda a esquerda, inclusive os anarquistas, voltou a se apresentar em público, saindo da clandestinidade. Neste contexto, naquele mesmo ano, começava a ser publicado o hoje histórico jornal anarquista *O Inimigo do Rei*, de cujo número 2 (maio de 1978), de matéria assinada por José Liberatti (pseudônimo de Ideal Peres) retirei as declarações relativas ao nosso misterioso personagem.

Já adivinharam? Ainda não? Devo então, para acabar com o *suspense*, declinar o título da matéria de Liberatti: *Qual é a de Lula?* Recuperados do choque? Sim, ele mesmo, nosso atual presidente da república (???).

Mas, perguntarão todos, o que aconteceu? Ao prosseguirmos com leitura das edições subsequentes do *Inimigo do Rei* nos deparamos com algumas pistas históricas. No ano seguinte, 1979 (abril/maio), o jornal acompanhava com simpatia debate promovido entre sindicalistas pela revista *Cara a Cara* do Centro de Estudos Everardo Dias em que se colocavam questões como *O Movimento Operário Hoje, A Questão da Organização e Luta Sindical e Luta Política*. Mas, neste mesmo número, em artigo não-assinado (*Oba! Oba! O partido dos trabalhadores*) já se comentava que "soprada daqui e dali, vai-se difundindo a idéia de

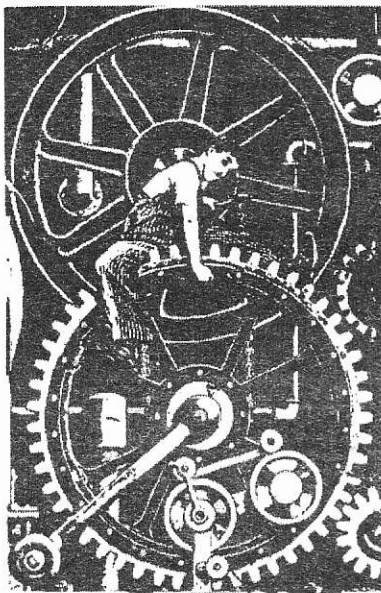
que os operários para defenderem seus reais interesses, teriam que criar um autêntico Partido dos Trabalhadores, que fosse do trabalhador, pelo trabalhador e para o trabalhador. Os objetivos começaram a se delinear, quando nos dias 22 a 26 de janeiro do corrente ano a cúpula — notem bem — dos dirigentes sindicais metalúrgicos esteve reunida em congresso na cidade paulista de Lins. Nesse estranhíssimo conúbio, do qual faziam parte "pelegos" tipo Joaquim dos Santos Andrade, famoso "dedo-duro" do sindicato dos metalúrgicos de São Paulo; Cid Ferreira, do Sindicato dos Metalúrgicos de Campinas, além dos sindicalistas autênticos, firmou-se, no final, a necessidade da criação do Partido dos Trabalhadores."

Na edição de julho/agosto de 1979, no entanto, "Antonio Cavoqueiro" (Ideal Peres novamente?) afirmava "é patente que alguma mosca azul já picou a epiderme de Lula. O badalado Partido dos Trabalhadores tem sido uma preocupação constante em seus pronunciamentos.

Ainda agora em entrevista para o jornal *Em Tempo* no 65, 25 a 31 de maio, voltou a destacar que o "partido dos assalariados" não pode excluir estudantes, setores da Igreja, profissionais liberais, etc". Então, chega-se a uma conclusão lógica: o dito partido deverá estar apoiado na massa trabalhadora e dirigido pela intelectualidade burguesa, como sempre aconteceu em todas as épocas. O Partido dos Trabalhadores é apenas mais um rótulo para enganar os trouxas e deslumbrados. E o Lula deve estar muito conscientizado deste fato, tanto assim que agora vem com papo bem amolecido de que existe um grupo de políticos dentro do MDB que deveriam participar das discussões sobre a formação do partido."

Acreditamos que depois de mais de seis meses de governo Lula, que até o momento contrariou tudo para o que a população pensa que o elegera, estas lembranças são oportunas. Por um lado mostram a alguns apressados como a memória é importante e complementar a outras formas de atuação. Por outro, comprovam que nós, anarquistas, não nos enganamos quando pregamos que a única forma de luta libertadora é ação direta, através de todas as suas formas e que tolos serão sempre aqueles que confiarem em messias, chefes, pais ou qualquer tipo de orientação institucionalizada ou "ação indireta". E, por último, nos resta a triste pergunta: até quando seremos profetas para surdos e cegos? Ao contrário do que alguns poderiam pensar, nosso maior prazer seria o de não ter mais que dizer "bem feito".

M. Lopes (Rio de Janeiro/RJ)



Assinatura anual de apoio (seis exemplares - R\$ 8,00);
pacote de 10 *Liberas* (R\$ 4,00).

Depósitos: Bradesco - Ag. 0026-4 - c/c: 240.765-5 - a/c
Renato Ramos. Envie comprovante de depósito para o
CELIP (Aceitamos selos, dinheiro ou cheque nominal)

Tiragem: 2.000 exemplares.

Os textos assinados não necessariamente refletem a opinião
do Coletivo Editorial.

Assine o *Libera*... Apoie a imprensa libertária!

CASTRO, COMO FRANCO...

Por haver lutado contra a ditadura franquista, consideramos um dever moral levar nossa solidariedade àqueles que, por lutar pelas mesmas liberdades pelas quais nós, antifranquistas, lutávamos então sofrem repressão no mundo.

Não deve, pois, surpreender que a levemos hoje aos dissidentes cubanos que são novamente vítimas da perseguição repressiva da ditadura castrista. E não só porque reclamam o mesmo que reclamávamos durante o franquismo, mas também porque Castro superou Franco em brutalidade repressiva: condenações de até 25 anos pelo único “delito” de dissidir, e de morte por valer-se de um navio para fugir de Cuba. E, além disso, sendo mais sumário: cinco dias para deter, julgar e executar aos três jovens negros que se queriam auto-exilar e que não haviam ferido nem matado ninguém. Para executar os antifranquistas Francisco Granado e Joaquín Delgado, Franco “demorou” 17 dias. Nos dois casos: “justiça” arbitrária, sumária, com julgamentos rápidos, sem nenhuma garantia jurídica a portas fechadas, sem a presença de observadores internacionais e execuções ao alvorecer para castigar, para aterrorizar...

Mas as semelhanças não param aí... Como Franco e com o mesmo maniqueísmo Castro também considera que “quem não está com ele, está contra ele”. A mesma pedante convicção de ser os guias eleitos: de Deus para Franco e da História para Castro. Por isto o franquismo e o castrismo são ditaduras sufocantes, sem imprensa, opinião, dissidência ou associação livres, com partido único, sindicato único e, sobretudo, um Chefe Supremo, uma só voz, um só pensamento. Além disso, claro, da longevidade no poder absoluto: 36 anos para Franco e 44 já para Castro.

Quarenta e quatro anos para criar um paraíso com grades e miserável para a maioria dos cubanos! Um “paraíso” em que é preciso fechar com cadeado as portas para que nenhum trabalhador cubano possa escapar dele. Daí que Fidel necessite ser opaco e da impunidade para preservar a vigência do mito revolucionário.

Mas os fatos não mentem, e há quase meio século da rebelião contra a ditadura de Batista, a intolerância, o autoritarismo em nome da segurança do Estado, a prepotência e ineficácia de sua burocracia converteram a revolução em mordaça para os cubanos e em um fiasco econômico que acentuou a dependência exterior de Cuba. Com Batista, esta era dos USA e com Castro foi, primeiro, da União Soviética, e depois, como antes, do turismo (e da prostituição).

Claro que o castrismo credita todos estes males ao embargo norte-americano, obstinando-se em não reconhecer seus próprios fracassos na gestão da economia e (o que é pior ainda): à participação ativa dos trabalhadores cubanos nas tarefas produtivas. Por que participariam, depois de haver visto tantas promessas não cumpridas de igualdade e de liberdade? Como reprovar-lhes este desinteresse, esta desmobilização se estão fartos de ver-se sempre sacrificados “ante o interesse supremo da Revolução”: a continuidade do poder castrista!

São todas estas razões que nos decidiram a fazer pública nossa indignação ante a última e brutal manifestação repressiva do castrismo. De um regime que ainda pretende encarnar as aspirações originais de um movimento revolucionário que suscitou tantas esperanças, e que a ambição de poder do Comandante em Chefe perverteu, gerando uma desilusão muito similar à provocada pela Revolução Russa.

Sem dúvida ainda permanecem hoje incondicionais ao regime castrista aqueles que continuam mantendo uma visão epifânica da “Revolução Cubana”. São os empenhados em não reconhecer esta clara evidência: a Revolução se converteu em um sistema totalitário, antidemocrático e de vigilância coletiva para que todos vigiem e denunciem a seu vizinho ou a seu companheiro de trabalho.

Ainda existem os que sobrevivem intactos à insidiosa corrosão moral que esse poder instalou na vida cotidiana dos cubanos, que se acomodam bem ao pesadelo secreto do controle fascista – versão “progressista” – imposto por este totalitarismo stalinista – versão caribenha – decidido a conduzir o povo cubano a um fim trágico. Por isto aqueles que ainda reivindicam os valores de liberdade e justiça, que sempre foram os de esquerda, devemos denunciar a este Regime, que os está pisoteando, ainda que demagogicamente pretenda defendê-lo. E mais ainda nestes momentos quando Fidel, como Franco afinal, está fazendo padecer a numerosas famílias cubanas as consequências de uma cruel repressão, justificada com uma mentira infame: a da “conspiração”. Porque infame é acusar

de conspirar por reclamar o direito à liberdade ou por tentar sair da ilha para tratar de viver melhor.

É verdade que, desde faz algum tempo, a dissidência cubana estava começando a perder o medo, a mostrar a cara, o que devia preocupar enormemente a Fidel Castro e seus burocratas mafiosos. Daí a proclamação da Lei Mordaça (para castigar severamente a colaboração com “meios de difusão estrangeiros” ou a produção e difusão de materiais “antisocialistas”, tendentes a “enfraquecer a ordem interna”) e a declaração de “eternidade” para a versão castrista do socialismo. As duas pensadas para serem utilizadas no momento oportuno...

Um momento que chegou graças a Bush ou, talvez, quando Bush mais precisava: para justificar sua política de agressão em nome da defesa da democracia! É possível que Castro haja acreditado que este era o momento de atuar implacavelmente contra a dissidência porque a opinião pública mundial estava ocupada em mobilizar-se contra a guerra no Iraque e em denunciar o hegemonismo planetário norte-americano. Sim, é possível que haja acreditado que o antiimperialismo sufocaria os ecos de sua nova onda repressiva e que esta não daria argumentos a Bush em sua cruzada “para implantar a democracia”, a Democracia ianque! E, de alguma maneira, não se enganou, pois não só Bush não insistiu muito em denunciar a repressão da dissidência cubana, mas que tampouco a opinião pública internacional o fez em demasia. Sim, é verdade que a princípio foram numerosos os intelectuais de destaque que a condenaram e entre eles alguns que o faziam pela primeira vez; mas as vozes de protesto não se converteram em movimentos de massa, em uma mobilização e denúncia permanentes – como quando se denunciava à falta de liberdades para os negros da África do Sul.

As razões desta “indiferença” são múltiplas e diversas. Não é só “como estar contra a Revolução Cubana?” Também o é o pouco interesse dos partidos políticos e dos governos em provocar tais mobilizações. Não só por não lhes ser rentável eleitoralmente o tema cubano, mas também porque há muitos interesses... Além disso, em alguns setores antitotalitários também influi o temor de ser assimilados a esse componente ultradireitista (minoritário, mas muito poderoso em Miami) do anticastrismo que reclama a intervenção ianque em Cuba.

Pois bem, ainda que estas razões expliquem a resignação geral frente aos desmandos repressivos da ditadura castrista, consideramos que é nosso dever falar hoje e amanhã de uma repressão que condenamos e condenaremos sempre. E o fazemos e o faremos porque, também para nós, “o dissidir é um ato irrenunciável de consciência” e a pena de morte um ato paradigmático do terrorismo de Estado, ainda que este se pretenda revolucionário.

Como poderíamos esquecer que, neste 2003, farão quarenta e três anos que outra ditadura, a franquista, assassinou com pretextos parecidos o comunista Julián Grimau e aos jovens anarquistas Francisco Granado e Joaquín Delgado.

Grupo Pró-Revisão do Processo Granado e Delgado:

Madri, junho de 2003

Octavio Alberola: 1967 e 1974, 1 ano e três meses de cárcere;
Juan Busquets: condenado à morte em 1949, 20 anos de cárcere;
Stuart Christie: 1964, 3 anos de cárcere;
Luís Andrés Edo: 1966, 8 anos de cárcere;
José Gracia Chile: 1939, 2 anos de cárcere;
Antonia Lisbona: 1939, 6 anos de cárcere;
Eloy Martín Nieto: 1972, 3 anos de cárcere;
Alicia Mur Sin: 1966, 3 anos de cárcere;
Alain Pecunia: 1962, 3 anos de cárcere;
José L. Pons Llobet: 1974, 3 anos de cárcere;
Jaime Pozas de V.: 1968, 5 anos de cárcere;
Floreal Rodríguez: 1968, 8 anos de cárcere;
Gregorio Rojas: 1963, 1 ano e seis meses de cárcere;
Francisca Román: 1962, 6 anos de cárcere;
Andrés Ruiz Grimas: 1972, 3 anos de cárcere;
Juan Salcedo: 1963, 15 anos de cárcere;
Emilio Santiago: condenado à morte em 1947, 15 anos de cárcere;
David Urbano: 1967, 7 anos de cárcere.

Biografias – Anarquistas Galegos no Brasil

Muitos foram os anarquistas de origem galega que atuaram no Brasil, no seio dos sindicatos revolucionários, nos grupos de propaganda, nos ateneus e centros de cultura. A contribuição destes na luta dos trabalhadores brasileiros, apesar de pouco conhecida, foi inestimável. Como homenagem a esses companheiros, publicamos pequenas biografias de dois dos mais destacados sindicalistas e militantes anarquistas de seu tempo, conterrâneos e amigos, separados tragicamente em fevereiro de 1928.

Antonino Domínguez (Ourense, 1894 – Rio de Janeiro, 14/2/1928): Operário sapateiro, expulso de Portugal em julho de 1914, chegou em Belém do Pará (Brasil) em 1915, tendo participado ativamente das lutas sindicais naquela cidade. Mudou-se para São Paulo em maio de 1920, inserindo-se na *União dos Artífices em Calçados e Classes Anexas*, um dos sindicatos revolucionários mais combativos, onde também atuava seu amigo *Juan Pérez Bouzas*. Como delegado da União, participou diretamente da organização de greves e piquetes, tendo sido preso diversas vezes. Em setembro de 1922, foi preso acusado de plantar uma bomba em uma fábrica de sapatos, sendo decretada sua expulsão do país, que acabou por não se concretizar. Saiu de São Paulo e refugiou-se em Guaratinguetá, no interior do Estado. No 1º de maio de 1923, após discursar no comício local, foi preso e trazido para o Rio de Janeiro, onde novamente sofreu ameaça de deportação para a Espanha, recebendo solidariedade ativa do operariado carioca e paulista. Posto em liberdade em 18 de maio, retornou a São Paulo acompanhado de *Juan Pérez*, onde retomou a luta na União, tendo participado ativamente da grande greve geral dos sapateiros entre outubro e dezembro daquele ano. Em julho de 1924, um movimento militar tentou derrubar o governo de Arthur Bernardes e recebeu, através de uma moção do jornal *A Plebe*, o apoio do proletariado organizado. Domínguez, juntamente com outros destacados militantes anarquistas, assinou essa moção, e solicitou armas aos militares para a formação de um batalhão operário, o que não foi aceito. Após a tomada de São Paulo pelas tropas legalistas, iniciou-se uma feroz repressão aos anarquistas, sendo vários signatários da moção presos, alguns deles deportados para a Clevelândia, campo de concentração na fronteira com a Guiana Francesa. Antonino conseguiu fugir da perseguição policial, tendo até o ano seguinte transitado entre Guaratinguetá e o Rio de Janeiro. A partir de 1926, fixou-se na então Capital Federal (Rio), engajando-se na *Aliança dos Operários em Calçados e Classes Anexas*, onde nos anos de 1927 e 1928, tomou a frente na oposição às tentativas dos comunistas de tomar a sede sindical, tendo algumas vezes rechaçado com o uso da violência os ataques perpetrados pela “Tcheka carioca”, grupo de choque do Partido Comunista. Foi assassinado pelo bolchevista Galileu Sanchez (um ex-anarquista) no dia 14 de fevereiro de 1928, durante uma reunião operária na sede da *Associação Gráfica do Rio de Janeiro*, tendo deixado viúva e dois filhos pequenos.

Juan Pérez Bouzas (Ourense, 8/4/1899 – Rio de Janeiro, 5/9/1958): Sapateiro, imigrado para o Rio de Janeiro em 1915. Tornou-se anarquista durante o período das grandes greves de 1917-18, após frequentar as sedes dos sindicatos operários, especialmente a *da Aliança dos Operários em Calçados*, onde passou a atuar. Em 1920, já imerso nas reivindicações da classe trabalhadora brasileira, trasladou-se para Guaratinguetá e, posteriormente, fixou-se em São Paulo, onde veio a se tornar um dos mais destacados militantes operários de seu tempo. Como membro da *União dos Artífices em Calçados e Classes Anexas* e da *Federação Operária de São Paulo* (FOSP), participou de inúmeras greves, piquetes, comícios e enfrentamentos com a polícia ao longo das décadas de 20 e 30, tendo sofrido sucessivos encarceramentos e ameaças de deportação. Em julho de 1924, assinou a moção de apoio ao movimento para a deposição de Arthur Bernardes, tendo que esconder-se após a tomada da cidade pelas tropas federais, para não ser morto ou deportado para a selva amazônica. A sua destacada participação nos enfrentamentos com as milícias integralistas durante o governo Vargas, notadamente pela sua atuação heroica durante a famosa “Batalha da Praça da Sé” em outubro de 1934, valeram-lhe a perseguição pelos fascistas e pela polícia, e um decreto de expulsão emitido por Getúlio Vargas. Deixou sua companheira, Carolina, e seu filho pequeno em São Paulo, e fugiu para o Sul do Brasil, onde por alguns meses perambulou por várias cidades, sempre que possível participando das atividades sindicais e propagandísticas. Retornou a São Paulo clandestinamente, e daí seguiu para o Rio de Janeiro, onde fixou residência com sua família, amparados pelo seu grande amigo *José Oiticica*. Após os anos negros do Estado Novo (1937-1945), saiu da clandestinidade para ajudar a fundar junto com *Oiticica*, *Manuel Pérez*, *José Romero* e outros o jornal *Ação Direta*. Nos anos 50, sua atividade militante e profissional foi prejudicada pelas doenças pulmonares adquiridas nas inúmeras noites de prisão e tortura em São Paulo, e pelo tabagismo. Morreu no dia 5 de setembro de 1958. Seu filho, *Ideal Peres (São Paulo, 1925 – Rio de Janeiro, 1995)*, médico, também foi um importante militante do anarquismo brasileiro, tendo participado de diversas iniciativas culturais e organizativas, tendo atuado e administrado o jornal *Ação Direta*, dirigido à revista *Conselhos Sexuais*, e fundado a *União Anarquista do Rio de Janeiro* e o *Centro de Estudos Professor José Oiticica* (CEPJO). Em 1968, o CEPJO foi depredado e fechado pelos militares, tendo *Ideal* sido preso e processado pela Lei de Segurança Nacional. Após a ditadura militar (1964-1985), uma das instituições culturais que ele ajudou a fundar com sua companheira, *Esther Redes*, foi chamada depois de sua morte, *Círculo de Estudos Libertários Ideal Peres* (CELIP).

Fontes: *Os Companheiros* e *Novos Rumos* (Edgar Rodrigues) e *Secção Trabalhista* do jornal *A Pátria* (Rio de Janeiro, 1923).

ENDEREÇOS LIBERTÁRIOS: CELIP/VIDEO. CP 15001. CEP 20155-970. RIO/RJ * LETRALVIRE. CP 50083. CEP 20062-970. RIO/RJ * COL. DOMINGOS PASSOS. CP 100670. CEP 24001-970. NITERÓI/RJ * CCS/SP. CP 2066. CEP 01060-970. SÃO PAULO/SP * ANA. CP 78. CEP 11525-970. CUBATÃO/SP * MLPL. CP 146. CEP 40001-970. SALVADOR/BA * APPL. CP 053. CEP 40001-970. SALVADOR/BA * NUELCA. CP 14. CEP 48000-970. ALAGOINHAS/BA * ULBS. CP 2137. CEP 11060-970. SANTOS/SP * FCL. CP 10.115. CEP 58109-970. CAMPINA GRANDE/PB * JULI. CP 308. CEP 95001-970. CAXIAS DO SUL/RS * ORL. CP 1278. CEP 66017-970. BELEM/PA * MAP/BA. CP 185. CEP 40001-970. SALVADOR/BA * FAG. CP 5036. CEP 90041-970. PORTO ALEGRE/RS * CLG. CP 5191. CEP 74021-970. GOIÂNIA/GO * CCL. CP 1206. CEP 66017-970. BELEM/PA * CL. CP 1000. CEP 78005-970. CUIABÁ/MT * LUTA LIBERTÁRIA. CP 11.639. CEP 05059-970. SÃO PAULO/SP * CNA. CP 294. CEP 01059-970. SP/SP * COMLUT. CP 768. CEP 13001-970. CAMPINAS/SP * FL. CP 951. CEP 69010-970. MANAUS/AM * CRAP. CP 584. CEP 14801-970. ARARAQUARA/SP * LIBELUTA. CP 1062. CEP 88330-970. BALN. CAMBÓRIU/SC * OPÚSCULO LIBERTÁRIO. CP 15. CEP 11401-970. GUARUJÁ/SP * AFIM. CP 2744. CEP 59022-970. NATAL/RN * MAR. CP 12042. CEP 02013-970. SÃO PAULO/SP * CCL-FL. CP 88. CEP 44001-970. FEIRA DE SANTANA/BA

...AMORE MIO